

Sentimentos valiosos foram acumulados por anos a fio. Levados como intimidades colecionadas estabelecem uma agrupação de preciosos interesses. Como uma colheita reunida guardada nos silos, esse terreno familiar, inviolável, exoticamente resolvido de uma maneira singular e estranha. Assim se fez a história da humanidade.

Uma feroz inclusão invade a paz e as liberdades, frutificando falsas promessas e seus ideais “mágicos” que não costumam funcionar.

O prazer dos amantes, favorecedor de relaxamentos extremos é capaz de produzir crianças que assim concebidas se tornam excepcionalmente vigorosas.

A austeridade social não se conquista com o assistencialismo.

Nos projetos que se pretendam éticos, a mentira não pode validar realidades.

Crianças e jovens crescem num mundo pleno de instituições desacreditadas.

Todo ato conduzido com gentileza não se perde pelo caminho, nem se perpetua sem uma colaboração convicta e sincera. Toda falsidade se revelará sozinha, revestida de inúteis tentações.

Os humanos mal atendidos imprimem um padrão de nivelamento contrário às suas necessidades.

Fortemente agravados em cuidar dos conflitos, os humanos estão sendo alienados, preparados para não ver a vida como ela é. Rodeados de ideologias

alienígenas são isolados em individualismos insuficientes para gerar o prazer de viver.

O mercado ordena, exige que se crie, que se comunique, que se incorpore à sua linguagem, seus costumes, suas ideologias, suas manipulações, agora esperam dirigir o que falamos, pensamos e por onde andamos; já não basta sermos usuários.

Poderes apetecidos não são suficientemente incentivados para dar-nos nada mais além do que pequenos êxitos. Assim sendo, apenas minúsculas inovações são alcançadas onde habitualmente se confia no ilimitado.

A presença da acolhida é uma boa nova para o amor, um sinal de que ele é aceito. É a resposta empapada de desejos favorecidos pelo poder da espécie que se deseja viva.

Umidades saídas das chuvas pulverizam os corpos fertilizando-os de experiências anormais. Empregam meios de hidratar para apagar maus acontecimentos, limpam as memórias abrindo novos espaços.

Sobra só um pequeno espaço. Por pressa, jovens não param para comer, envolvidos em súbitas crises, entulhados de informações alheias aos seus interesses, compulsivamente recebendo e mandando notícias, travando um embate com a importância. Banalizados na arte, na cultura, todos falam sem se ouvir, olham sem ver. Sedentos por imagens, nada leem, seus comprometimentos são momentâneos, tudo lhe é provisório.

Estamos compartilhando individualidades, ao invés de solidariedade. Nosso tempo está invadido pela informação supérflua e nosso espaço ocupado por redes sociais que não são redes, são algemas, e tampouco sociais, já que

sustentam a intimidade exposta ao desconhecido e a quem nem sabe quem somos.

O amor fraterno alimenta a vida, abre horizontes à reunião amistosa, à colheita múltipla, à raiz e à matriz.

Assisti nas minhas diárias correrias a tristezas, amarguras, suicídios, ansiedades suportáveis e insuportáveis, incessantes devoções, inúteis dedicações, paixões dissimuladas e ódios declarados. Assisti aos que se alimentam do próprio corpo e aos que se alimentam do corpo alheio, aos que se imolam por causas perdidas e aos que se encontram no exílio.

Dos infortúnios e desgraças. Acreditavam-se unidos por um amor profundo. Apesar da forma com que se dava o retorno de constantes conflitos, suportaram-se e acabaram por aceitar que pelo ódio também se uniram complicados até o final da trama.

Verifico que há muita solidão no silêncio dos adolescentes, muita insatisfação no sono dos alunos, vazios nos braços dos velhos. Constato a falta de livros nas estantes, exagero na fabricação de armas e muros. Verifico que há entusiasmos retidos nas fronteiras separando humanos e, incentivos rareados, torna-se epidêmica a corrupção, a proliferação de promessas e milagres. Vulgarizados os encontros, um despacho ou emenda qualquer anula as consequências e seus efeitos.

Declaro que devo afastar-me dos eventos, recuperar-me dos conglomerados, dos encontros carenciados, das pessoas esvaziadas, dos assuntos fantasmas rodeados de mistérios.

Preparei-me para essas declarações. Tudo leva a crer que a degradação será progressiva. Haverá embates entre doenças e medicamentos, vitalícios e perpétuos, dúvidas e certezas, verborreias e silêncios, fidelidades e farsas, muros e refugiados, sonhos e pesadelos, assistências e assistencialismos. Por fim, o enfrentamento entre humanos e máquinas.

Imagina por mim porque a minha imaginação está ocupada em decifrar-te? Cuida por mim enquanto me distraio em sonhar contigo. Declara por mim o que guardaste na memória, meus sussurros, os rumores, as promessas, as declarações que foram salvo-conduto, até que te vás sabendo que não existe tanto amor.

A olhos vistos acreditei cegamente estar com um olhar atento. Que olhos benditos me sirvam de ditosos olhos para dar sentido à vista. Terei os olhos fixos naqueles que falam com os olhos.

Nunca tenho experiência com experiências novas, não as quero, elas costumam insultar-me carregando violações culturais. Na crônica ingenuidade dos incautos essas ofertas costumam satisfazer com enganos, nas narrativas cifram suas versões para enumerá-las convincentemente até torná-las verdadeiras. Pela experiência, se revela o amadorismo dos anjos quando eles exaltam suas presenças e oferecem suas protetoras companhias quando não saio mais de casa e opto por ficar sozinho.

Sou invadido por raivas clandestinas sempre que invasoras intimidades pulam os muros para me impor algum embargo. Misturada na minha sede, flores de plástico resistem a um odor secreto, as bombas disfarçadas reinam eternizadas e suportadas pelas mentiras. O terrorismo de Estado se apropria dos meios de comunicação como uma arma inodora, afônica, virótica onde os ataques “preventivos” se justificam para “evitar as guerras”, a matança de crianças para evitar atentados, a violação para uma limpeza étnica e bombardeios civilizatórios.

Propus ao diabo amassar o pão derradeiro. Disposto a fazer dieta encontrei-o selecionando os alimentos e os fornecedores.

A construção da confiabilidade é alcançada pelo respeito entre as partes envolvidas, os limites de cada um estabelecem que a intimidade não se converta em intrusão.

Millor Fernandes diz: Não é que com a idade você aprenda muitas coisas, mas você aprende a ocultar melhor o que ignora.

O relógio parado tenta controlar o tempo, pastoreia o momento que ocupa o meu silêncio, ele conta o desconhecimento desse sujeito interior onde não me reconheço pelos sonhos fragmentados.

Vivo à espera das prometidas cortesias. Virão de longe, os espelhos corteses já atrasados? Vivo de esperas, de medir distâncias, vivo a tolerância versus os tempos, entre a pressa e a tardança.

Não posso perder o contentamento de viver pois minha alma teria uma enorme decepção comigo se assim não fosse.

Dói tanto ser feliz que se pode sofrer por falta de sustentação, de tanta beleza mostrada pela vida como fonte de mistério e de motivação.

Por que doem as ausências? Com quem os vazios falam? Porque os lamentos aumentam com as esperas? Porque as dificuldades se aprimoram nos mistérios? Porque a calma nos foge quando corremos? Porque os sonhos se escondem nas noites?

Abertos novos caminhos, os fôlegos brotaram para os carinhos, as almas se sustentaram amorosas com as novidades. Assim avançaram organizando novos sonhos em direção a novas lembranças.

Minhas penas pedem repouso, querem respostas previsíveis.

Quero viver em um mundo de crianças, de gente com alma, com delicadezas duráveis, universais, comuns, comunicados com a bondade revigorada. Quero viver coincidências, tempos estendidos, prazeres recuperados e decepções desanimadas. Quero assistir epidemias de esperanças e guerras demitidas.

Ninguém sabe ao certo se falo sério ou se alimento evocações. Reúno as criações, provoco novidades, espalho convocações. Faço esforços, lanço velas, lavro relevos, ramos, relaxo o atrevimento, seleciono as nutrizes, adestro as carências. Continuo para ver se encontro as impressões de outrora.

Tenho a palavra amordaçada, exilada, reduzida à penumbra, a um estado de luto contínuo, desperdiçada em sua originalidade. Fora do contexto, assiste espantada a tanto desuso.

A realidade talhou cortes profundos e expressivos sempre que tentei reter-te. Só retirei as graças quando te fizeste indigna. Recolhi as lágrimas, disfarçando indiferença.

Ofereço-te meu encantamento. Venho com o coração aberto sem saber se meu gesto terá respostas ou reveses. Não havendo prazeres inocentes, me inspiro em um desejo que aceito autêntico, arriscado, precipitado, senhor de si.

Quisera entrar depressa nos lugares turvos da vida; sair mais depressa ainda. Neles esbarro desavisado, tive notícias de que caí no conto dos inocentes.

Guiado por uma ordem, movido por um instinto, invento novas aventuras para alegrar cada amanhã. Musicando as noites, invento poesias passageiras para tornar o encontro mais livre e a declaração mais disfarçada.

A maior das dores se regenera por si mesma. Apta a estender-se em todas as dimensões, busca proteção no autoconsolo. Gera para si mesma um conjunto natural de acolhimentos. Não suportando sofrer, cria uma tranquilidade renovadora dos equilíbrios perdidos.

Não te obrigues a falar o de sempre, falar mal da vida, queixando-te sobre o que te sobra e sem consciência do que te falta.